

SOCIAL



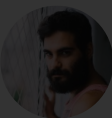
03/06/2016 • ARTES VISUAIS, MÚSICA

SARA NÃO TEM NOME

LEIA AGORA ↓

Daniel Mar

Por



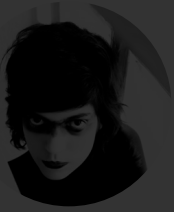
[Paulo Proença](#)

Local

Belo Horizonte

Compartilhe





Website



Facebook



Youtube

Sara Não tem Nome é o nome artístico de Sara Braga, cantora, compositora e artista visual. A mineira começou a compor as canções, que abordam a adolescência passada em Contagem (MG) e suas implicações: solidão, conflitos familiares, desilusões.

EXPANDIR PERFIL ↓

Conhecida na cena belo-horizontina há algum tempo, Sara Não Tem Nome ganhou mais visibilidade ano passado, após lançar *Ômega III*, seu elogiado álbum de estreia, que figurou em diversas listas de melhores discos de 2015. Nosso bate-papo aconteceu via skype e a multiartista falou de várias referências musicais e referências ligadas à sua atividade nas artes visuais. Confira!



O que tem tocado na sua playlist?

Eu conheci, não tem muito tempo, uma banda chamada Rakta, que umas amigas me mandaram. Esse dias estava escutando uma banda que tocou no Festival Bananada, que dividiu o palco comigo, chamada My Magical Glowing Lens, e também estava escutando umas coisas da Luiza Brina, que escuto sempre. Ela vai lançar disco daqui a pouco.

Que disco nunca sai da sua playlist, que você gosta de revisitar?

Tem um que sempre escuto, o *In Rainbows*, do Radiohead. Já escuto esse disco há muito tempo e agora fui revisitar, porque tinha muito tempo que não escutava. Escutava muito no Ensino Médio, era a trilha sonora para ir para a escola. Acordava às sete horas, quase morrendo, e ia escutando aquelas músicas. Quando fui gravar o meu disco, parei para ouvir de novo, porque achei que haviam coisas que tinham influenciado de uma maneira ou de

outra. E agora que eles lançaram disco novo, parei para reouvir.

Você tem recordação de qual foi o primeiro disco que comprou?

Não lembro muito bem, porque peguei a transição do CD. Quando comecei a querer acumular coisas [risos] já tava muito na coisa do MP4, MP3. Tinha CDs que o pessoal me dava, mas não tinha essa coisa de ir comprar, era mais da coisa de fazer download de disco. Comecei a comprar discos em shows dos amigos, de pessoas que eu gostava, mas nunca tive a coisa de ir à loja para comprar. Comprava quando estava relacionado com alguém da cena local, show ou coisa assim.

E de ter ganhado, você tem recordação?

Lembro que ganhei discos do Tom Zé, que uma amiga deu; Alceu Valença, Walter Franco... Esse pessoal brasileiro. E que, geralmente, as pessoas mais velhas davam [discos]. “Ah, escuta isso aqui. Hoje em dia vocês não conhecem essas coisas”, falava um tio meu. Não era, de certa forma, ganhado, mas tinha esse tio que levava os vinis dele para casa da minha avó – eu fui criada por ela. Ele levava disco do The Doors, Bee Gees e uns rocks mais antigos para eu conhecer.

la perguntar isso, o que veio de influência musical da família?

Acho que os clássicos, como Beatles, John Lennon e coisas do brega também. Tinha um que eu gostava muito de escutar, que era o Kristoffer. Meu tio colocava esse disco direto. Quando ele tava apaixonado, colocava esse disco. Ele ficava muito em casa, então acompanho a trilha sonora dele desde criança. Desde vinil, K7, depois CD. Tinha coisa que eu gostava, outras eu brigava com ele. Lembro que até gravei uma fitinha. Minha primeira fita, eu tinha uns seis anos.

Mas era um misto, minha avó gostava de uns sertanejos antigos, como João Mineiro e Marciano, Milionário e José Rico, músicas bregas com criancinhas cantando. Eu achava engraçado, mas tudo ia misturando no subconsciente. Meu pai já gostava de bolero, samba-canção, rocks, como o Raul Seixas, e na minha cabeça foi misturando tudo.



E você coleciona vinil?

Tem alguns, mas hoje em dia o vinil é caro. Mas compro em feirinha, ou banda amiga me dá. Mas não sou uma colecionadora, tenho vários amigos que entraram nesse vício.

Que capa de disco você gosta bastante?

Gosto muito de uma capa de um projeto que é bem desconhecido, chamado *Cadáver Pega Fogo Durante o Velório*, que a arte gráfica foi feita no fim da ditadura, na década de 1980. É como se fosse uma capa de jornal, colocando umas notícias meio esdrúxulas. Uma zoação com várias notícias. Foi uma galera do Rio que gravou esse disco. O compositor é vivo. Eles lançaram esse vinil com sambas ácidos, são incríveis. E tem algumas coisas de discurso político, um lance de carnaval, mas lado B. As músicas têm narrativas bem interessantes. Enfim, vale conhecer. O projeto gráfico é bem bonito e o projeto musical é bem inusitado.

Você falou da fitinha K7. Você a guardou?

Guardei! Eu tô doida para colocar no meu próximo disco. Começar o próximo disco comigo cantando a música da fita!

Que show te marcou bastante?

Eu acho que não tenho um show na cabeça, são vários shows que vão acumulando. Sei lá, é difícil ter um show perfeito. Não sou muito de escolher coisas separadas, sou muito de pensar num todo, numa época, com várias coisas juntas. Vou mais para esse lado.

E teve algum show que você lamentou perder?

Tava falando do Radiohead e esse é um show que lamento muito não ter visto. Não é uma banda brasileira, então sabia que não era todo dia. Eu não sou muito de ir a festival grande, porque não gosto muito da lógica de festival, gosto de shows menores, pois me sinto mais confortável. Quando Radiohead veio, era mais nova e tinha aquela coisa “ah, o show”. Fiquei

bem triste na época, porque era bem a trilha sonora que estava vivendo, era um dos discos, mas fazer o quê? Acontece.

O que você gostaria de ver num festival com sua curadoria?

Eu até estou organizando algumas coisas. Eu sinto muito falta de uma presença feminina nos festivais, acho que é uma coisa que todo mundo percebe; e também a presença de pessoas negras. Isso é uma pauta atual, das pessoas repensarem isso. Acho que esse seria um dos festivais quase que não tem bandas de rock, músicas ligadas a questões indiretamente, tudo pode ser político, mas sinto falta de bandas que falam mais direto sobre isso, ou estão ligadas ao discurso da desconstrução visual, da literatura. Sei lá, músicos que estão em outras áreas, que transitam em outras áreas. Sinto falta desse público. Se eu fizesse uma curadoria, iria buscar um pouco desse lugar. Pegar pessoas que estão à margem, que não estão nessa lógica da música, que não estão ligadas a gravadoras ou a projetos maiores que dão visibilidade.

Alguns nomes?

Tem a Post, que é uma banda instrumental, que tem tocado comigo; Harmônicos do universo, que é uma banda solo de uma menina que toca violino com pedais. Enfim, projetos que são mais ousados e não tão comuns. Essa banda que citei My Magical Glowing Lens, a Luiza Brina, que sou uma grande entusiasta. Da cena mineira, é uma das artistas que mais gosto; gosto da poética e da atuação dela como artista. E outras pessoas que são de outros lugares também e que gosto. Do nordeste, tem o Nunes, um projeto de um jovem, um menino de uns 16 anos, que fez o primeiro disco em casa, *Lo-fi*. Gosto dessas pessoas jovens que tem criado coragem de fazer as coisas do jeito que dá, de maneira independente, sem ter que depender, de esperar que alguém veja o talento, aquela aposta mais comercial, sabe. Tenho acompanhado essas pessoas.

Nesse momento, que personalidade da música você aponta com grande admiração pela obra e postura?

Tem várias pessoas. Tem uma safra muito boa, admiro muita gente que está trabalhando agora. Uma pessoa que admiro muito é a [Ava Rocha](#), gosto muito das coisas dela, os vídeos; ela tem essa atuação de trabalhar com cinema. Gosto muito da [Karina Buhr](#), gosto da presença, das questões que ela levanta. Aqui de Minas tem muita gente que eu gosto, a Luiza, o Luiz Gabriel Lopes, gosto da persona dele – viajante e entusiasta, músico, poeta – acho bem importante as coisas que ele faz. Tem toda a cena underground, que são essas mulheres que lutam para ter reconhecimento, como a Post, e várias bandas de minas. Gosto muito do Chico Chico, filho da Cássia, acho interessante como ele está lidando [com a carreira] e o lugar que ele está, né? Ser filho de uma pessoa conhecida e que tenta manter os ideais. É um lugar que é meio difícil. Como a Ava também, que tem toda uma história da família, dos pais. Acho interessante como eles lidam com isso.

Você também é artista visual. A música também está presente no processo de criação?

Acho que não necessariamente. Varia muito. Às vezes parte da literatura, às vezes parte de uma temática que é maior do que só a música.

Existe algum trabalho que partiu especificamente da música?

Acho que sim. Fiz algumas composições com um amigo de Goiânia, o cantor e compositor Diego de Moraes. Sempre que a gente se encontrava, a gente ficava falando das referências e acabava escrevendo alguma música que lembrava algo. A gente gostava muito de Tom Zé, aí a gente fez uma música que tinha coisas a ver com o Tom Zé, de construção, ritmos. Mas [no processo] não parte necessariamente de uma música, mas da lógica de algum artista. Da literatura, um monte, é bem recorrente. O Chacal, por exemplo, foi um que acabei me aproximando. Já tinha musicado poemas dele, já tinha pensado coisas minhas na lógica da escrita dele. Fernando Pessoa, que peguei vários trechos do *Livro do Desassossego*, fiz música baseada nas coisas que ele escreveu. Isso acontece muito, de pegar referências diretas ou indiretas. Às vezes está no subconsciente e vou perceber depois de muitos anos.



Que música você gostaria de ter feito?

Nossa, tem muitas músicas que eu gostaria de ter feito. Particpei de um programa homenageando quatro compositores: Sérgio Sampaio, Waly Salomão, Sidney Miller e o Torquato Neto. Comecei a dar uma pesquisada boa neles. O Sérgio Sampaio já tinha pesquisado muito, conhecia coisas do Torquato, mas Waly Salomão e Sidney Miller conhecia menos. E descobri que eles têm coisas bem incríveis. Torquato Neto só era escritor, letrista, ele não tocava, então ele compunha para outros artistas. Tinham várias músicas dele que eu falava “nossa, queria ter feio essa letra”. Acabei gravando uma versão

dele no programa *Cantoras do Brasil*, “Três da Madrugada”, que a Gal Gosta gravou, depois a **Márcia Castro** fez uma versão também. Gravei “Que Loucura”, que o Sérgio Sampaio fez para ele, quando foi internado num hospício. Letras com essa temática me interessam. As letras do Jards Macalé também são bem interessantes. Me interessa muito por esse dito lado B da música brasileira, que ultimamente as pessoas têm dado mais reconhecimento, as gerações mais novas buscam conhecer e saber como funcionou.

Que momento foi importante por compartilhar uma experiência com alguém que você admira?

Falei do Chacal. Quando dividi o palco com ele, fiquei bem feliz. Quando era adolescente, com uns 14 anos, lia muito poesia marginal. E o Chacal era uma pessoa que eu gostava muito. Quando a gente se conheceu, quando dividi o palco, ele foi super receptivo.

E desejo de dividir o palco? Com quem seria interessante fazer alguma coisa?

Acho que os artistas que citei são pessoas que eu teria vontade de dividir, como a Ava, Karina e com as bandas que já divido também, como a Post. Fora do Brasil, também tem muitas bandas que eu gostaria de fazer coisa junto. Connan [Mockasin], que acho um artista muito interessante, que também faz trabalhos em pintura, gosto da estética que ele faz. Tem muitos outros artistas de bandas de mulheres também, até algumas mais velhas, como Cat Power, que acho incrível. Mas não fico maquinando uma apresentação junto [risos].

Daniel Johnston é uma das pessoas históricas em relação ao *Lo-Fi*, ele ficou conhecido por isso e motivou muitas pessoas a gravarem suas próprias fitinhas em casa; ele desenhava também. Eu quase fui ao show dele aqui no Brasil, mas ele tinha problema com avião – ele derrubou um avião certa vez – e desmarcou o show que faria em São Paulo. Eu voltei para BH e ele remarcou, mas eu não pude ir e acabei não vendo. Tenho um azar com show, sempre acontece algum negócio [risos]. Mas, enfim, ele é uma pessoa que eu gosto muito.

No trânsito entre São Paulo e BH, alguma música te marcou? Na fase de gravação do seu disco...

Uma banda que conheci na época foi o Metá Metá, a **Juçara Marçal**. Não tinha aproximação, mas como estava no RedBull [Studio], muitas das bandas que circulavam por ali, eu acabei ouvindo. O disco da **Tulipa Ruiz** também [*Dancê*], porque ela tinha acabado de gravar lá e eu ia gravar meio que em seguida, então fiquei escutando muito. Não só pela artista, mas para entender a qualidade sonora, por serem os mesmos equipamentos. Fiquei muito feliz depois de ter visto **Elza Soares** gravando. Todo mundo ficava doido porque ela gravou o disco lá [*A Mulher Do Fim Do Mundo*]. Eu não sabia o conteúdo do disco e quando ficou pronto, que coisa incrível! E eles estavam fazendo a coisa lá dentro.

É bem legal quando você está nos bastidores. Eu gosto de ficar acompanhando as coisas no mesmo espaço e a residência dava esse lugar. Gosto muito de residência artística por causa disso, porque, além do trabalho que você está desenvolvendo, você acompanha o trabalho de outros artistas que estão convivendo no mesmo espaço. Isso é muito bom, pois quando

a coisa acaba parece que você viveu cinco anos em dois meses. É muita coisa que você acaba apreendendo nos *brainstorms*.

Trilha sonora de filme?

Eu gosto muito das trilhas sonoras do Brian Eno, além do cinema, ele faz música para elevador, música para ambiente, música, sei lá, para aeroporto. Gosto muito das trilhas dele. Gosto da trilha do *Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças*, do Michel Gondry, feita pelo Jon Brion. Ele faz umas trilhas muito incríveis. Gosto da turma aqui de BH que fez umas trilhas, como o Constantina. Pessoal mais instrumental, eletrônico, como o Andre Geraldo e Viquitor Burgos, com o projeto Garoa.

E videoclipe musical?

Gosto muito dos cliques do Connan [Mockasin], são bem viagem. Tem um clipe que ele sai na rua atrás de um golfinho que ele está apaixonado [*Forever Dolphin Love*], tem outro que ele está na mata e começa a flutuar, nem sei como tecnicamente se faz isso [*Faking Jazz Together*]. Gosto muito quando cineasta faz clipe, como Paul Thomas Anderson, que fez o último do Radiohead [*Daydreaming*]; o Michel Gondry. E tem muitas coisas que a banda mesmo acaba fazendo, eu gosto de fotos e cenas de arquivo. A Ava faz muita coisa com imagem de arquivo dela. Eu acho bem bonito, e ela tem um estilo de montagem, pelo que tenho percebido, bem próprio.

Quem você sugere para uma entrevista no Motif?

Pensando nas pessoas próximas, a Luiza Brina quando ela lançar o disco. Estou curiosa com esse trabalho dela, porque agora ela teve oportunidade de gravar em estúdio, com produção e tudo o mais. Ela é uma pessoa que eu gostaria de saber o que tá pensando. Tem um artista de BH, muito meu amigo e gosto muito do trabalho dele, que é o

Randolpho Lamounier. O Victor Galvão também, que trabalha com umas coisas pós-indústria, espaço-tempo e tem tocado comigo, tem participado de alguns shows. E tem a Jeannie Helleny, que também é artista visual; ela trabalha várias coisas da infância, da violência, com recortes, só que de uma maneira muito sutil.

Gostou da entrevista? Comente aqui



© 2017 Motif
Todos os direitos reservados.